

Fraseotermos de língua espanhola na denominação da avifauna do Pantanal Sul-mato-grossense: um estudo com base em materiais ornitológicos

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v50i3.2967>

Thierry Delmond¹
Elizabete Aparecida Marques²

Resumo

Este artigo pretende apresentar os resultados preliminares de um estudo sobre fraseotermos da língua espanhola usados para denominar a avifauna do Pantanal Sul-mato-grossense, a partir de dados extraídos de materiais digitais ornitológicos. O trabalho apoia-se nos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Denominação (PETIT, 2009), da Terminologia (CABRÉ, 1998), da Socioterminologia (GAUDIN, 1993) e da Fraseologia (GONZÁLEZ-REY, 2015). Cada denominação é considerada, no domínio da Terminologia, como termo. No caso de uma análise de fraseologismos, o termo adequado para nomear as colocações terminológicas é fraseotermo. Os primeiros resultados mostram que os fraseotermos que nomeiam as aves do Pantanal sofrem uma forte influência sociocultural, o que corrobora a necessidade de um trabalho fraseoterminológico com base em critérios científicos.

Palavras-chave: Fraseoterminologia; fraseotermo; Ornitologia; Pantanal.

1 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; thierry.delmond@hotmail.fr; <https://orcid.org/0000-0003-2650-4779>

2 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; emarmarques@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-6308-9597>

Spanish phraseotermis in the denomination of the avifauna of the Pantanal Sul-mato-grossense: a study based on ornithological materials

Abstract

This article intends to present the preliminary results of a study on phraseotermis of the Spanish language used to name the Pantanal avifauna Sul-mato-grossense, from data extracted from ornithological digital materials. The work is based on the theoretical-methodological assumptions of the theory of Denomination (PETIT, 2009), of Terminology (CABRÉ, 1998), of Socioterminology (GAUDIN, 1993), and of Phraseology (GONZÁLEZ-REY, 2015). Each denomination is considered, in the field of Terminology, as a term. In the case of an analysis of phraseologisms, the appropriate term for naming terminological placements is phraseoterm. The first results show that the phraseotermis that name birds in the Pantanal suffer a strong sociocultural influence, which corroborates the need for phraseoterminological work based on scientific criteria.

Keywords: Phraseoterminology; Phraseoterm; Ornithology; Pantanal.

Introdução

O Pantanal é uma ecorregião terrestre da América do Sul composta de prados e savanas inundadas durante parte do ano. Em razão de sua geografia de terras baixas, é a maior área úmida do planeta, atravessada por cursos de água que fluem durante a estação chuvosa. Mais de 80% do território pantaneiro se encontra submerso durante seis meses por ano, devido às chuvas torrenciais trazidas pelo “rio voador”, proveniente da floresta amazônica (UNESCO, 2000).

A região é conhecida como um santuário ecológico onde vivem, segundo a última lista de aves de toda a planície pantaneira, 463 espécies, ou mais precisamente 500, considerando-se as residentes, migrantes e vagantes, algumas delas em grandes populações (FERNANDES; SIGNOR; PENHA, 2010), dentre as mais de 1919 espécies catalogadas em todo o Brasil, incluindo o *Jabiru mycteria* ou Tuiuiú³, a ave símbolo do Pantanal (PIACENTINI *et al.*, 2015).

Mais informações sobre esse bioma podem ser adquiridas por meio de publicações científicas veiculadas por artigos, livros, páginas na internet acerca do tema, bem como o ecoturismo, os quais permitem popularizar o conhecimento, sobretudo, para um público de observadores de aves (SALVATI, 2002), brasileiros ou estrangeiros, em especial os

3 Nome grafado com a primeira letra maiúscula conforme as *regras arbitrárias de nomenclatura* das taxonomias, propostas por Linné em 1736.

falantes de língua espanhola, dada a proximidade da região com países hispânicos, como a Bolívia e o Paraguai.

Com base no pensamento de Sapir (1969, p. 45), segundo o qual “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”, a relação entre léxico, meio ambiente e cultura desperta alguns questionamentos que parecem ser relevantes quando se consideram as denominações das aves observadas no Pantanal em outras línguas, como o espanhol: levando em conta que o espanhol é a língua oficial de 21 países, existem diferenças (ou não) entre as denominações nesse idioma? Existe alguma relação entre a denominação da ave e o referente denominado? Que aspectos semânticos se destacam no processo de composição dos nomes das aves em língua espanhola?

Diante desses questionamentos, este trabalho pretende apresentar os resultados preliminares de um estudo sobre os fraseotermos da língua espanhola usados para denominar a avifauna do Pantanal Sul-mato-grossense, a partir de dados extraídos de materiais digitais ornitológicos. O trabalho está ancorado nos seguintes pressupostos teóricos: o conceito de denominação (MORTUREUX, 1984; THOIRON, 1994; PETIT, 2009), os postulados da Terminologia (CABRÉ, 1998; L'HOMME, 2004), da Socioterminologia (GAUDIN, 2003) e, para o conceito de fraseotermo, os trabalhos de González-Rey (2015) e Pamies Bertrán (2018).

Em primeiro lugar, o trabalho apresenta uma breve revisão teórica, seguida da descrição metodológica da pesquisa e, na sequência, expõe a análise dos dados e a discussão dos resultados.

A palavra e a necessidade de nomear a realidade: da denominação à Terminologia

As coisas, para terem existência no mundo humano, precisam ser nomeadas pelo homem. Como salienta Biderman (2001, p. 88), “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. Para serem entendidas e usadas pelo ser humano, as palavras precisam ser organizadas e definidas, um dos objetivos da Terminologia.

O termo *terminologia* só apareceu no século XVIII na escrita de um professor alemão, Christian Gottfried Schütz, seguido de uma definição em 1837 de William Whewell, epistemólogo, indicando que a terminologia é “um sistema dos termos usados na descrição dos objetos da história natural” (REY, 1979, p.7, tradução nossa⁴).

4 No original: “Système des termes employés dans la description des objets de l'histoire naturelle”.

No século XX, o precursor moderno da Terminologia como ciência, Eugen Wüster, visando normalizar todos os termos científicos encontrados, propõe que as denominações devem refletir, o mais fielmente possível, o sistema conceitual e que, se houver uma intervenção na língua, é precisamente para reunir os dois (denominação e sistema conceitual), a fim de alcançar a biunivocidade (WÜSTER, 1998). Isso implica que uma denominação designa um conceito e que esse conceito é nomeado por um único termo. Historicamente, o aparecimento da Teoria clássica ou Geral da Terminologia (TGT) nasce, em 1930, com Eugen Wüster, que fornece as bases teóricas para a normalização dos termos relativos à industrialização.

Avançando no tempo, Cabré (1998), em sua Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), destaca a dimensão comunicativa da Terminologia, mas também seus aspectos cognitivos e linguísticos. Para uma abordagem diferente, mas não menos interessante, Faultstich (1998) e Gaudin (2003) consideram a Terminologia pelo viés de sua dimensão sociocultural, bem como seu aspecto político linguístico.

Os últimos anos viram novas propostas de abordagens terminológicas, como Terminologia Textual, que tem o texto como ponto de partida para a descrição do termo (BOURIGAULT; SLODZIAN, 1999).

O conceito de termo: diferentes perspectivas

O conceito de termo pode ser discutido a partir de várias perspectivas. Para Wüster (1998, p. 30), o termo é uma denominação linguística materializando o conceito. Na visão de Cabré (1998, p. 149), os termos são as unidades básicas da Terminologia e denominam os conceitos próprios de cada disciplina especializada, favorecendo a comunicação entre especialistas. Na perspectiva de L'Homme (2005, p. 1113, tradução nossa), é "o resultado de uma associação entre um sentido e uma forma"⁵.

Essas propostas revelam a dificuldade de definir o termo, pois se trata de um poliedro com muitas facetas e cada uma das quais seria "uma porta de entrada para esse objeto complexo que é o termo" (L'HOMME, 2004, p. 54)⁶. Nesse sentido, o contexto de uso e o usuário em si afetam "a noção de termo que é sempre colorida pela perspectiva do especialista que a aborda"⁷ (L'HOMME, 2005, p. 1113, tradução nossa).

5 No original: "le résultat d'une association entre un sens et une forme."

6 No original: "le terme est un polyèdre ayant de multiples facettes. Chacune de ces facettes constitue une porte d'entrée à cet objet complexe qu'est le terme".

7 No original: "la notion de 'terme' est toujours colorée par la perspective du spécialiste qui l'aborde".

Com relação à natureza da unidade terminológica que se propõe a investigar neste trabalho, ela é caracterizada como uma unidade poliléxica e fixa, propriedades que podem ser observadas, inclusive, na própria taxonomia científica. Conforme Carl von Linné (1707-1778), o “pai da taxonomia moderna”, o domínio da zoologia, no caso específico deste estudo o da Ornitologia, possui nomenclaturas binominais. Nessas denominações, o primeiro nome inicia-se por letra maiúscula e os formantes organizam-se de modo sistemático devendo ser classificados na sequência: classe, ordem, família, gênero, espécie, subespécie ou variedade (BARROS, 2007). Em um *corpus* de 278 aves das ordens dos não-passeriformes que embasa esta pesquisa, um total de aproximadamente 78% são nomes formados por dois ou mais itens lexicais.

No domínio da Fraseologia, um termo complexo, compreendido aqui como aquele formado por, no mínimo, duas unidades léxicas, vem sendo denominado como fraseotermo (GONZALEZ REY, 2015). Para Pamies Bertrán (2018), o fraseotermo está incluído dentro de uma categoria chamada Sintema, termo cunhado por Martinet (1999) para designar uma unidade linguística composta por, no mínimo, dois lexemas (fonte de cristalização e de idiomatidade). É a menor unidade fraseológica. Nesse particular, é pertinente, em consonância com Lerat (1995, p. 20, tradução nossa⁸), examinar se os fraseoterms de uma área especializada podem se definir como um “conjunto de expressão denominando em uma língua natural as noções pertencentes a um domínio de conhecimento fortemente tematizado”.

A denominação no universo sociocultural

A Socioterminologia, termo citado pela primeira vez por Boulanger em 1981, foi definida em seu artigo intitulado “Une lecture socioculturelle de la terminologie”, em 1991. Nesse trabalho, o autor especifica que a perspectiva socioterminológica permite “atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas. Toda terminologia é desenvolvida para fundamentar uma ciência, uma técnica e garantir-lhe um futuro, para trazê-la à vida, propagando-a por meio da comunicação a outras pessoas.” (BOULANGER, 1991, p. 25, tradução nossa⁹).

Gaudin (2005, p. 82) concebe também a Terminologia pelo viés de sua dimensão sociocultural, bem como pelo seu viés político-linguístico. Surgida, para este autor, sob “a dupla influência da Sociolinguística teórica e da Sociolinguística de campo, a Socioterminologia tem como objeto o estudo da circulação dos termos em sincronia e

8 No original: “Un ensemble d’expressions dénommant dans une langue naturelle des notions relevant d’un domaine de connaissances fortement thématisé.”.

9 No original: “Atténuer les effets prescriptifs exagérés de certaines propositions normatives. Toute terminologie est élaborée pour donner une assise à une science, à une technique et pour lui assurer un avenir, pour la faire vivre en la propageant par la communication à autrui.”.

diacronia, o que inclui a análise e a modelização de significados e conceituações¹⁰. Os conceitos terminológicos são vistos como construções de conhecimentos sujeitas a variações, sincrônicas e diacrônicas. Como explica Faultstich (2006, p. 28),

[...] a construção dos postulados teóricos que sustentam a teoria da variação em terminologia, propõe-se uma releitura da definição de termo, a fim de que se compreenda melhor por que um termo varia. Assim uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência. E vale lembrar que termos são:

- (i) signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
- (ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;
- (iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas.

O estudo social de termos especializados questiona a maneira como eles aparecem, confrontando-os com sua própria produção de sentido. A observação da circulação das unidades terminológicas nas sociedades científicas, mas também da sua apropriação pela população em geral, permite definir as suas condições de emergência e transformações ao considerá-los como signos linguísticos e não como simples etiquetas de conceitos (GAUDIN, 2005).

No Brasil, Enilde Faultstich (1998 *apud* GAUDIN, 2005, p. 82) especifica que a Socioterminologia é “uma disciplina que se interessa pelo movimento do termo nas linguagens de especialidades”. Sendo a Sociolinguística a abordagem mais social da linguística, no que diz respeito à Socioterminologia, as unidades terminológicas que constituem o discurso têm uma história. Desde a sua criação e evolução ao longo do tempo e das culturas, os termos em perpétuo movimento podem ser considerados como unidades histórico-socioculturais da língua. Eles refletem, por meio de sua constituição semântica e morfológica, a história, a cultura e os valores sociais dos povos que os usam ou os usaram.

Nessa perspectiva, formular um conceito, do ponto de vista da Socioterminologia, é nomear a realidade do mundo dos falantes de um domínio especializado. Na abordagem sociolinguística da Terminologia, a questão recai sobre a categorização dos elementos e, em particular, sobre a diferenciação entre designação e denominação na criação de

10 No original: “La double influence de la sociolinguistique théorique et de la socio linguistique de terrain, la socioterminologie se fixe comme objet l’étude de la circulation des termes en synchronie et en diachronie, ce qui inclut l’analyse et la modélisation des significations et des conceptualisations”.

termos, como na abordagem lexicológica da denominação. De acordo com Gaudin (2003), o objeto possui várias designações, entre as quais, em uma decisão última, uma delas será promovida à categoria de denominação. Nessa perspectiva, a designação é composta por elementos não lexicalizados ou, nesse caso, não terminologizados, pendentes de estabilização pelo uso em uma comunidade de especialistas. Esse princípio expõe o limite da terminologia normativa de Wüster, a qual não leva em consideração os usos e as necessidades de nomes das várias comunidades de falantes envolvidos (PETIT, 2009).

A dimensão sociolinguística do ato de denominar no contexto da superposição de denominação de direito e de fato é óbvia. Não é só o falante que influencia o ato denominativo, mas também o interlocutor, seu ambiente sociocultural e sua visão da realidade e do mundo circundante que inspiram a denominação e até a impõem. Nessa perspectiva, a neologia popularizante, portanto, a conceptualização, resulta de uma análise da realidade, análise esta que é diferente daquela realizada pelos produtores do termo científico original (MORTUREUX, 1984). Segundo esse mesmo autor, o domínio científico tem toda a sua importância para ilustrar o complexo funcionamento da denominação como um ato de linguagem, envolvendo a iniciativa de falantes, o público-alvo, o jogo social da comunicação, a visão da realidade e as estruturas morfossintáticas e semânticas. O problema que pode ocorrer é o constante movimento da língua que muda com o passar do tempo porque, como bem indica Biderman (2001, p. 138), “a língua está em perpétuo movimento, seu caráter de inacabado e de devir está sempre presente”. O ato de denominação encontra-se em uma perspectiva dinâmica de evolução, de movimento em que a observação da motivação dos termos “oferece um lugar de articulação entre as determinações socioculturais e as restrições linguísticas na atribuição de nomes [...] demonstrando a relação entre a estrutura formal do termo e seu sentido” (MORTUREUX, 1984, p. 110, tradução nossa¹¹).

Metodologia da pesquisa

A metodologia desta pesquisa consistiu em utilizar a *Web* como recurso, mais precisamente o *site* Avibase, referência mundial em Ornitologia, para a construção de um *corpus* de estudo. Esse *site*, atualizado regularmente, é composto por um banco de dados da avifauna mundial. Resulta de um projeto de cooperação internacional para construir um conjunto de dados global da Ornitologia, baseado nas taxonomias mais relevantes, desde a década de 1990. Os dados que compõem o Avibase são provenientes das onze principais taxonomias científicas da avifauna do mundo, oferecendo seus nomes científicos latinos e, também, em mais de trinta línguas diferentes. Uma descrição de cada ave, sua classificação sistêmica, várias fotos certificadas pela comunidade científica e, também, uma biblioteca de sons para cada uma completam as denominações.

¹¹ No original: “offre un lieu d’articulation entre les déterminations socio-culturelles et les contraintes linguistiques dans l’attribution des noms [...] en manifestant la relation entre la structure formelle du terme et son sens”.

O processo de extração de dados consistiu, inicialmente, em localizar no *site* Avibase as informações acerca de cada ave, utilizando a fonte HTML das páginas. Para isso, o uso da linguagem “Xquery” e “Python” possibilitou a realização de *script* de solicitação nas páginas, a fim de extrair as denominações, conforme duas etapas.

A primeira consistiu em recuperar os nomes das aves e as URLs correspondentes. Na URL do Avibase: <https://avibase.bsc-eoc.org/checklist.jsp?region=BRms>

Obteve-se uma lista das denominações das aves, o identificador de cada uma e as URLs relacionadas. As URLs obtidas têm o seguinte formato:

"species.jsp? avibaseid = <identifier>"

A segunda etapa permitiu recuperar as informações acerca da ave escolhida. Com um *script* elaborado na linguagem Xquery e dentro do qual foram inseridos os identificadores Avibase de cada ave, foi possível recuperar todo o conteúdo da página de uma determinada ave. Há uma certa quantidade de informações nessa página, incluindo denominações em diferentes idiomas.

A extração planejada considerou as aves das ordens dos não-passeriformes, segundo a taxonomia de Clements (2019), presentes no território do Pantanal de Mato Grosso do Sul. Constituiu-se uma base de denominações referente a 278 aves, com correspondentes em 40 idiomas diferentes, dentre os quais o espanhol.

O resultado do processo é a geração de uma tabela no formato XML, transformada em formato CSV, que permite navegar rapidamente, pois cada linha corresponde a uma ave e cada coluna, exceto a primeira que é o identificador do Avibase, corresponde a uma denominação em uma determinada língua. Uma vez extraídos os dados, foi realizada a seleção e organização das denominações das aves de todos os países de língua espanhola, indicados na base de dados inicial, ou seja, os nomes espanhóis correspondentes às 278 aves de 18 países hispanófonos, a maioria da América do Sul e Central, incluindo também a Espanha e Cuba.

Para este trabalho, foram selecionadas três aves, levando em conta seu pertencimento a diferentes ordens e famílias no nível taxonômico. Posteriormente, as denominações para as três aves (Maçarico-de-perna-amarela, Coruja-buraqueira e Mergulhão-caçador) foram submetidas a uma análise léxico-semântica dos diferentes elementos de nomeação para identificar os semas, com base nos pressupostos teóricos da Terminologia Multilíngue de Thoiron (1994), da Escola de Lyon. Segundo essa teoria, um conceito é divisível em traços conceituais e um termo/fraseotermo é divisível em elementos de nomeação, sendo eles mesmos divisíveis em um ou mais morfemas. A cada nível, há possibilidade de produção

de sentido. O auxílio de referências dicionarísticas e científicas, como o *Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española* (DRAE), *Dicionário online Linguee*, *Dicionário de Tupi Moderno* (BOUDIN, 2005) e a obra de Ornitologia de Frisch, J. e Frisch, C. (2005), durante as análises, possibilitou desvelar os semas nas unidades de nomeação.

Análise dos dados e discussão dos resultados

No recorte investigado neste trabalho, os dados evidenciaram que, das três aves estudadas, a que tem maior número de denominações de caráter fraseológico, ou fraseotermos, em língua espanhola é o Maçarico-de-perna-amarela, com 15 formas diferentes, considerando todas as variações de forma da palavra. Em segundo lugar, com 14 formas diferentes, aparecem os fraseotermos usados para denominar a Coruja-buraqueira e, em terceiro, com nove formas, os fraseotermos que nomeiam o Mergulhão-caçador. Reitera-se que, dadas as delimitações do gênero artigo científico, apresenta-se uma amostragem da análise léxico-semântica de três aves escolhidas aleatoriamente, considerando-se, entretanto, que elas pertencem a diferentes ordens e famílias no nível taxonômico. Ressalta-se, ainda, que o fato de nem todos os países de língua espanhola estarem representados, não significa que eles não tenham denominações para as aves em questão. Neste caso, algum tipo de restrição imposta pelo *corpus* pode justificar, por exemplo, o fato de a Bolívia, que possui uma vasta área fronteira com o Pantanal Sul-mato-grossense, não registrar denominações para duas das três aves analisadas. Outra justificativa pode ser a restrição imposta pelo tipo de unidade lexical investigada que se limita às lexias complexas.

Denominações em língua espanhola para Maçarico-de-perna-amarela

O quadro, a seguir, mostra a distribuição dos fraseotermos em língua espanhola para denominar o Maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*) por países, conforme os dados fornecidos pelo *corpus* da pesquisa.

Quadro 1. Fraseotermos em língua espanhola para Maçarico-de-perna-amarela

	Fraseotermos	Países
1	Andarríos patiamarillo	Colômbia
2	Andarríos patigualdo chico	Nicarágua
3	Archibebe patigualdo chico	Espanha
4	Chorlito patas amarillas	Uruguai
5	Patamarilla menor	México
6	Patiamarillo chico	Colômbia

7	Patiamarillo menor	Costa Rica; Equador; Panamá
8	Playero menor de patas amarillas	Honduras
9	Playero menor patas amarillas	Uruguai
10	Playera pata amarilla menor	Peru
11	Playero patas amarillas chico	Uruguai
12	Pitotoi chico	Paraguai
13	Pitotoy chico	Argentina; Chile
14	Tigüi-Tigüe Chico	Venezuela
15	Zarapico patiamarillo chico	Cuba

Fonte: Elaboração própria

Como se pode observar na tabela, as formas *andarríos patiamarillo* e *andarríos patigualdo chico* são observadas na Colômbia e Nicarágua, respectivamente, enquanto a Espanha registra *archibebe patigualdo chico* para denominar o *maçarico-de-perna-amarela*. A forma *patiamarillo menor* aparece registrada na Costa Rica, Equador e Panamá enquanto *pitotoy chico* e sua variante *pitotoi chico* tiveram registro na Argentina, Chile e Paraguai. Por sua vez, Honduras, Uruguai e Peru registram a forma *playero menor* e suas variantes enquanto Venezuela e Cuba apresentam denominações como *tigüi-tigüe chico* e *zarapico patiamarillo chico*. O Uruguai registra várias denominações. Além das já mencionadas, apresenta, ainda, *chorlito patas amarilla*.

Do ponto de vista semântico, os fraseotermos *pitotoy chico/pitotoi chico* podem ser explicados pela onomatopeia *pitotoy*, grito que emite a ave no início do voo somado ao sema do tamanho, pois o referente é menor em relação a outros de sua espécie. Note-se que o tamanho do referente também está presente em quase todas as denominações, combinando-se com outras informações semânticas relativas ao referente.

Nesse sentido, as formas *patamarilla menor*, *patamarillo chico*, *patamarillo menor* aludem à cor amarelada das patas da ave, traço que se encontra nas formas sustentadas pelo pivô terminológico (GOUADEC, 1983) *playero*, como *playero menor de patas amarillas*, *playero menor patas amarillas*, *playero patas amarillas chico* e *playera pata amarilla*. O pivô *playero* e sua variante de gênero *playera* comportam um sema que diz respeito ao *habitat* natural da ave, margem de rios, lagos, lagoas, etc. De igual modo, as formas *andarríos patiamarillo* e *andarríos patigualdo chico* possuem traços semânticos que indicam o *habitat* por onde as aves têm o hábito de caminhar. É interessante observar que a alusão à cor aparece de forma metafórica em *patigualdo*, ou seja, patas amarelas como a flor da gualda, como ocorre em *andarríos patigualdo chico* e *archibebe patigualdo chico*. Outras denominações aportam outros traços relativos à forma do referente, como o bico em *zarapico patiamarillo chico*. Nesse caso, o morfema *zara* remete a comprido como uma espiga de painço. O quadro abaixo resume a análise léxico semântica realizada.

Quadro 2. Análise léxico-semântica das denominações do Maçarico-de-perna-amarela

Língua	Denominação	Elementos de nomeação	Semas	Referências
Latim	Tringa flavipes	Tringa do Grego Trungas = Flavipes Do Latim Flavus = e do Latim pes =	Ave ribeirinha, do tamanho de um Sabiá (mencionada por Aristóteles) Amarelo Pé	Fritsch (2005)
Português do Brasil	Maçarico-de-perna-amarela	Maçarico = perna = amarela =	Relação às cores pardas do fogo do maçarico Perna Cor amarela	Aulete Digital
Argentina	Pitotoy chico	Pitotoy = chico =	Vem da onomatopeia “ <i>Pitotoy</i> ”, grito que ele emite no início do voo; Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE
Chile	Pitotoy chico	Pitotoy = chico =	Vem da onomatopeia “ <i>Pitotoy</i> ”, grito que ele emite no início do voo; Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE
Colômbia	Andarríos patiamarillo Patiamarillo chico	Andar = ríos = pati = pata = amarillo = chico =	Andar Rios Pata, pé Amarelo Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE
Costa Rica	Patiamarillo menor	pati = pata = amarillo = menor =	Pata, pé Amarelo Menor em tamanho	DRAE
Cuba	Zarapico patiamarillo chico	Zara = Pico = pati = pata = amarillo = chico =	Comprido como a espiga de painço, de trigo Bico Pata, pé Amarelo Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE

Espanha	Archibebe patigualdo chico	Archibebe = pati = pata = gualdo = chico =	Ave muito turbulenta, aterroriza outras aves para defender o seu território, mesmo as maiores, não é nada amigável. Pata, pé Amarela como a flor da gualda Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE
Equador	Patiamarillo menor	pati = pata = amarillo = menor =	Pata, pé Amarelo Menor em tamanho	Linguee
Honduras	Playero menor de patas amarillas	Playero = menor = patas = amarillas =	Que apanha os peixes na beira da água para comê-los Menor em tamanho Patas, pés Amarelas	DRAE Linguee
México	Patamarilla menor	pata = amarillo = menor =	Pata, pé Amarelo Menor em tamanho	Linguee
Nicarágua	Andarríos patigualdo Chico	Andar = ríos = pati = pata = gualdo = chico =	Andar Rios Pata, pé Amarela como a flor da gualda Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE Linguee
Panamá	Patiamarillo menor	Patia = pata = amarillo = menor =	Pata, pé Amarelo Menor em tamanho	Linguee
Paraguai	Pitotoi chico	Pitotoi = chico =	Vem da onomatopeia " <i>Pitotoi</i> ", grito que ele emite no início do voo Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE Linguee
Peru	Playera pata amarilla menor	Playero = pata = amarilla = menor =	Que apanha os peixes na beira da água para comê-los Pata, pé Amarela Menor em tamanho	DRAE Linguee

Uruguai	Chorlito patas amarillas Playero menor patas amarillas Playero patas amarillas Chico	Chorlito de chorla + diminutivo = patas = amarillas = Playero = menor = chico =	Vem da onomatopeia “ <i>chorlito</i> ”, grito da ave Patas, pés Amarelas Que apanha os peixes na beira da água para comê-los Menor em tamanho Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE Linguee
Venezuela	Tigüi-Tigüe Chico	Ti (guaraní) pico = güi (guaraní) = Tigüe = chico =	Bico Inquieto Diz-se de um jovem de raça negra Pequeno ou menor em tamanho do que outros de sua espécie	DRAE Linguee

Fonte: Elaboração própria

Denominações em língua espanhola para Coruja-buraqueira

No recorte dos dados levantados, a Coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) registrou 14 denominações fraseotermológicas em língua espanhola, conforme observado no quadro subsequente.

Quadro 3. Fraseotermos em língua espanhola para Coruja-buraqueira

	Fraseotermos	Países
1	Búho llanero	Colômbia; México
2	Búho terrestre	Panamá; Equador
3	Lechucita de campo	Uruguai
4	Lechucita de las viscacheras	Argentina; Bolívia
5	Lechucita vizcachera	Paraguai
6	Lechuza común	Uruguai
7	Lechuza rojiza	Uruguai
8	Lechuza terrestre	Peru; Costa Rica
9	Mochuelo conejo	Colômbia
10	Mochuelo de hoyo	Venezuela
11	Mochuelo de madriguera	Espanha
12	Mochuelo terrero	Colômbia

13	Sijú de Sabana	Cuba
14	Tecolote llanero	México

Fonte: Elaboração própria

A análise léxico-semântica mostra que, em todas as denominações, os pivôs fraseotermológicos *lechuza* e sua variante *lechucita*, *búho*, *mochuelo*, *sijú* e *tecolote* correspondem ao português *coruja* que, por sua vez, define-se como “ave de rapina de cabeça arredondada e olhos enormes, captura ratos, morcegos, pequenos répteis e invertebrados” (AULETE DIGITAL). Alguns desses nomes são de origem indígena, como *sijú* e *tecolote* que, segundo o DRAE, são de Caribe e Náhuatl (língua Uto-asteca), respectivamente. Já *mochuelo*, conforme o mesmo dicionário, é de origem incerta. O que varia são os elementos especificativos que carregam traços semânticos relacionados com:

- *Habitat* da ave: lugar onde ela vive e se reproduz, que pode ser qualquer cavidade na terra, natural ou escavada, como a *vizcachera* (toca da vizcacha), a *madriguera* (caverna onde vivem certos animais) e o *hoyo* (concaividade formada na terra) ou, ainda, a planície o campo e a savana. Destacam-se as denominações *lechucita vizcachera/de las vizcacheras*, *lechucita de campo*, *mochuelo de hoyo/de madriguera*, *sijú de sabana*, além de *búho/tecolote llanero*, *búho/lechuza terrestre* e *mochuelo terrero*. A denominação *mochuelo conejo* pode aludir, por analogia, a uma característica compartilhada pela coruja em questão e o coelho, que costumam habitar em covas.

- Cor da ave: traço que pode ser observado em *lechuza rojiza*, em que *rojiza* tem como referência a cor que tem um tom de vermelho.

- Abundância da ave: traço que pode ser observado em *lechuza común*.

Quadro 4. Análise léxico-semântica das denominações da Coruja-buraqueira

Língua	Denominação	Elementos de nomeação	Semas	Referências
Latim	Athene cunicularia	Athene do Grego Atena = Cunicularia Do Latim cunicularius =	Divindade grega Mineiro, passagem ou caminho no subsolo, numa mina subterrânea	Fritsch (2005)
Português do Brasil	Coruja-buraqueira	Coruja = Subst. buraco = + sufixo eira =	Aves de rapina, de cabeça arredondada e olhos enormes, captura ratos, morcegos, pequenos répteis e invertebrados. Qualquer concavidade na terra, natural ou escavada Indicando a ideia de relação, local	Aulete Digital
Argentina	Lechucita de las viscacheras Lechucita vizcachera	Lechucita de Lechuza = Sufixo ita = Vis(z)cachera(s) = vizcacha (de origem quechua) =	Coruja Diminutivo, pequena Toca da vizcacha Roedor noturno típico das grandes planícies. Constrói complexas colônias de cavernas onde ele vive no Peru, Bolívia, Chile e Argentina	DRAE Linguee
Bolívia	Lechucita de las viscacheras	Lechucita de Lechuza = + sufixo ita = Vis(z)cachera(s) = vizcacha (de origem quechua) =	Coruja Diminutivo, pequena Toca da vizcacha Roedor noturno típico das grandes planícies. Constrói complexas colônias de cavernas onde ele vive	DRAE Linguee
Chile	Pequén	Do Mapuche pequeñ =	Ave de rapina diurna, muito semelhante à coruja, mas menor	DRAE

Colômbia	Búho llanero Mochuelo conejo Mochuelo terrero	Búho do Latim <i>bubo</i> = llanero = Mochuelo = Conejo do Latim <i>cuniculus</i> = terrero do Latim <i>terrarius</i> =	Coruja Habitante das planícies Ave de rapina, semelhante à coruja, mas de menor tamanho Mamífero com cerca de 40 cm de comprimento, vivendo em tocas Pertencendo à terra	DRAE Linguee
Costa Rica	Lechuza terrestre	Lechuza = terrestre do Latim <i>terrestris</i> =	Coruja Pertencendo ou relacionando-se com a Terra	DRAE
Cuba	Sijú de Sabana	Sijú = Sabana (de origem Caribe) =	Ave de rapina das Antilhas Planície, muita extensa e sem vegetação arbórea	DRAE
Espanha	Mochuelo de madriguera	Mochuelo = madriguera =	Ave de rapina, semelhante à coruja, mas de menor tamanho Caverna onde vivem certos animais	DRAE
Equador	Búho terrestre	Búho do Latim <i>bubo</i> = terrestre do Latim <i>terrestris</i> =	Coruja Pertencendo ou relacionando-se com a Terra	DRAE
México	Búho llanero Tecolote llanero	Búho do Latim <i>bubo</i> = llanero = Tecolote do Náhuatl (língua Uto-asteca) <i>tecolotl</i> =	Coruja Habitante das planícies Búho, ave de rapina	DRAE Linguee
Panamá	Búho terrestre	Búho = terrestre do Latim <i>terrestris</i> =	Coruja Pertencendo ou relacionando-se com a Terra	DRAE

Paraguai	Lechucita vizcachera	Lechucita de Lechuza = + sufixo ita = Vizcachera = vizcacha (de origem quechua) =	Coruja Diminutivo, pequena Toca da vizcacha Roedor noturno típico das grandes planícies. Constrói complexas colônias de cavernas onde ele vive	DRAE
Peru	Lechuza Terrestre	Lechuza = terrestre do Latim <i>terrestris</i> =	Coruja Pertencendo ou relacionando-se com a Terra	DRAE
Uruguai	Lechucita de campo Lechuza común Lechuza rojiza	Lechucita de Lechuza = + sufixo ita = campo = Lechuza = común = rojiza =	Coruja Diminutivo, pequena Campo Coruja Común Disse de uma cor: isso puxa o vermelho	DRAE Linguee
Venezuela	Mochuelo de hoyo	Mochuelo = hoyo =	Ave de rapina, semelhante à coruja, mas de menor tamanho Concavidade ou profundidade formada na terra	DRAE

Fonte: Elaboração própria

Denominações em língua espanhola para Mergulhão-caçador

O quadro, a seguir, reúne as denominações de caráter fraseotermológico em língua espanhola para mergulhão-caçador, distribuídas por países de fala hispânica.

Quadro 5. Fraseotermos em língua espanhola para Mergulhão-caçador

	Fraseotermos	Países
1	Macá pico grueso	Argentina, Paraguai
2	Zambullidor de pico grueso	Peru, Uruguai
3	Zambullidor pico grueso	México
4	Zambullidor picogrueso	México
5	Zambullidor pico rayado	Honduras

6	Zambullidor piquigrueso	Colômbia
7	Zambullidor piquipinto	Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Panamá
8	Zampullín Piquipinto	Nicarágua
9	Zaramagullón grande	Cuba, Espanha

Fonte: Elaboração própria

Como ocorre em português, a denominação desta ave em espanhol também se explica por uma das principais características do referente: o hábito de mergulhar em busca de alimento, acrescidas de outros traços relacionados com a forma, o tamanho e as cores da ave. Nesse sentido, o pivô *zambullidor* (mergulhador, em português) é modificado por informações semânticas sobre o bico da ave, como *zambullidor de pico grueso* e *zambullidor pico grueso* (sem a preposição), *zambullidor picogrueso* e *zambullidor piquigrueso*, que fazem alusão à espessura do bico da ave. Por sua vez, a forma *zambullidor pico rayado* aporta a informação de que o bico do referente é listrado enquanto a denominação *zambullidor piquipinto* alude às diversas cores do bico da ave. É interessante observar, ainda, que nem todas as denominações reportam à característica de ave mergulhadora. É o que se nota em *zampullín piquipinto* que contém o sema de ave ribeirinha, acrescido de informações semânticas, como *piqui* (bico) + *pinto* (várias cores). Na denominação argentina e paraguaia *macá pico grueso*, a unidade lexical *macá* é de origem tupi-guarani e significa movimentação abaixo da água. Note-se que o traço abaixo da água se encontra, também, em *zaramagullón* (*somormujo* = abaixo da água + sufixo *-ón* = grande).

Quadro 6. Análise léxico-semântica das denominações do Mergulhão-caçador

Língua	Denominação	Elementos de nomeação	Semas	Referências
Latim	Podilymbus podiceps	Podiceps = do Latim podex, podicis = abertura e pes = pês = Podilymbus =	Pernas posicionadas na parte traseira, na borda externa do corpo Sinônimo de Podiceps	Fritsch (2005)
Português do Brasil	Mergulhão-caçador	Mergulhão = Caçador =	Grande mergulho Que costuma caçar para alimentação por instinto	Aulete Digital

Argentina	Macá pico grueso	Macá = do Tupi-Guarani Macang ou Muaka'í = pico = grueso =	Palmípedes das áreas lacustres, que se caracterizam pela ausência de penas caudais, pelo bico reto e comprido e por nadar com o pescoço ereto e perpendicular à superfície da água. Movimentação abaixo d'água Bico Espesso, grosso	DRAE Dicionário de Tupi moderno (BOUDIN, 2005)
Chile	Picurio	Picu = Pico = rio =	Bico Rio	DRAE Linguee
Colômbia	Zambullidor piquigrueso Zambullidor piquipinto	Zambullidor = pique = pico = grueso = pinto =	Mergulhador Bico Espesso, grosso De diversas cores	DRAE Linguee
Costa Rica	Zambullidor piquipinto	Zambullidor = pique = pico = pinto =	Mergulhador Bico De diversas cores	Linguee
Cuba	Zaramagullón grande	Somormujo = grande =	Abaixo da água Grande	DRAE
Espanha	Zaramagullón grande	Somormujo = grande =	Abaixo da água Grande	DRAE
Equador	Zambullidor piquipinto	Zambullidor = Pique = pico = pinto =	Mergulhador Bico De diversas cores	Linguee
Honduras	Zambullidor pico rayado	Zambullidor = pico = rayado =	Mergulhador Bico Listrado	Linguee
México	Zambullidor pico grueso Zambullidor picogrueso Zambullidor piquipinto	Zambullidor = Pique = pico = grueso = pinto =	Mergulhador Bico Espesso, grosso De diversas cores	DRAE Linguee
Nicarágua	Zampullín Piquipinto	Zampullín = Pique = pico = pinto =	Mergulhão, ave ribeirinha Bico De diversas cores	DRAE Linguee
Panamá	Zambullidor Piquipinto	Zambullidor = Pique = pico = pinto =	Mergulhador Bico De diversas cores	DRAE Linguee

Paraguai	Macá pico grueso	Macá = do Tupi-Guarani Macang ou Muaka'í = pico = grueso =	Palmípedes das áreas lacustres, que se caracterizam pela ausência de penas caudais, pelo bico reto e comprido e por nadar com o pescoço ereto e perpendicular à superfície da água. Movimentação abaixo d'água Bico Espesso, grosso	DRAE Linguee Dicionário de Tupi moderno
Peru	Zambullidor de pico grueso	Zambullidor = pico = grueso =	Mergulhador Bico Espesso, grosso	Linguee
Uruguai	Zambullidor de pico grueso	Zambullidor = pico = grueso =	Mergulhador Bico Espesso, grosso	Linguee
Venezuela	Buzo	Buzo =	Mergulhador, quem mergulha debaixo d'água	DRAE

Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

Diante da profusão de informações semânticas observadas nas descrições dos fraseotermos que denominam as aves estudadas nesta pesquisa, procedentes de 18 países hispanófonos dos 21 que têm o espanhol como língua oficial, pode-se afirmar que certas questões preliminares encontram resposta. Com efeito, o reflexo da cultura e da história desses países deixa vestígios linguísticos nas denominações das aves em língua espanhola. Uma delas é a influência das línguas indígenas, como o Mapuche no Chile, o Uto-asteca no México, o Tupi-Guarani no Paraguai, Venezuela e Argentina, o Caribe em Cuba, além de marcas etimológicas incertas em denominações registradas na Colômbia e na Espanha, mostrando uma resistência das línguas nativas ao processo de colonização pela imposição da língua dos colonizadores.

A análise léxico-semântica das denominações ainda revela a influência sociocultural sobre os fraseotermos investigados, uma vez que a visão que os habitantes de cada país têm sobre as aves, por exemplo, a percepção das cores, das formas, dos sons e compreensão dos lugares e dos hábitos de vida da avifauna refletem nas formas de denominação. Assim, as denominações podem encontrar suas origens nas crenças e lendas dos povos da comunidade de língua estudada. Cada povo nomeia os objetos de acordo com sua cultura e, cada objeto, pode ter vários nomes diferentes dependendo dela.

REFERÊNCIAS

AULETE. *dicionário online*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 10 set. 2020.

AVIBASE. *The World Bird Database*. Disponível em: <https://avibase.bsc-eoc.org/avibase.jsp>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BARROS, L. A. *Conhecimentos de terminologia geral para a prática tradutória*. São José do Rio Preto: NovaGraf, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 2, 2001.

BOUDIN, M. H. *Dicionário de tupi moderno: Dialeto tembé-ténetéhar do alto do rio Gurupi*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

BOULANGER, J.-C. Une lecture socioculturelle de la terminologie. *Cahiers de linguistique sociale*, n. 18, p. 13-30, 1991.

BOURIGAULT, D.; SLODZIAN, M. Pour une terminologie textuelle. *Terminologies nouvelles*, v. 19, p. 29-32, 1999.

CABRÉ, M. T. *Terminologie: théorie, méthode et applications*. Ottawa: Les presses de l'Université d'Ottawa, Armand Colin, 1998.

FAULTSTICH, E. A Socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 27-31, jun. 2006.

FERNANDES, I. M.; SIGNOR, C. A.; PENHA, J. *Biodiversidade no Pantanal de Poconé*. Cuiabá: Centro de Pesquisa do Pantanal, p. 36-38, 2010.

FRISCH, J. D.; FRISCH, C. D. *Aves brasileiras e plantas que as atraem*. Dalgas Ecoltec, 2005.

GAUDIN, F. *Socioterminologie. Une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelles: Éditions Duculot, 2003.

GAUDIN, F. *Pour une Socioterminologie*. Rouen: Publication de l'université de Rouen, 1993.

GONZÁLEZ-REY, M. I. *La phraséologie du français*. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2015.

GOUADEC, D. Extraction, description, gestion e explication de entités phraséologiques. *Terminologies Nouvelles*, v. 10, Bélgica, RINT, p. 83-91, 1993.

LERAT, P. *Les langues spécialisées*. Paris: Presse Universitaire de France, 1995.

L'HOMME, M-C. Sur la notion de terme. *Meta: journal des traducteurs*, v. 50, n. 4, p. 1112–1132, 2005.

L'HOMME, M-C. *La terminologie: principes et techniques*. Montréal: Les presses de l'université de Montréal, 2004.

LINGUEE. *Dicionário Online*. Disponível em: <https://www.linguee.es>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MARTINET, A. Le syntème. *In: La Linguistique*, n. 35, v. 2, 1999.

MORTUREUX, M.-F. La dénomination, approche socio-linguistique. *Langages*, 19^e année, n°76, La dénomination, p. 95-112, 1984.

PAMIES BERTRÁN, A. Aux limites du limitrophes: à propos des catégories phraséologiques. *In: SFAR, I., BUVET, P.-A. (coord.). La phraséologie entre fixité et congruence*. Louvain-la-Neuve: Academia l'Harmattan, 2018.

PETIT, G. *La dénomination: approches lexicologique et terminologique*. Louvain: Éditions Peeters, 2009.

PIACENTINI, V. Q.; ALEIXO, A.; AGNE, C. E.; MAURICIO, G. N. Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. *Revista Brasileira de Ornitologia*, v. 23, n. 2, p. 91-298, 2015.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. Disponível em: <https://dle.rae.es>. Acesso em: 20 set. 2020.

REY, A. *La terminologie: noms et notions*. Paris: PUF, 1979.

SALVATI, S. S.; MILONE, P. C. *Ecoturismo no pantanal brasileiro e boliviano: estudo de políticas e alternativas sustentáveis*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

THOIRON, P. La terminologie multilingue: une aide à la maîtrise des concepts. *Meta*, v. 39, n. 4, p. 765-773, 1994. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/004482ar>. Acesso em 10 fev. 20.

UNESCO. *Aire de conservation du Pantanal*, 2000. Disponível em: <http://whc.unesco.org/fr/list/999>. Acesso em: 04 set. 2020.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Documenta Universitaria, 1998.